

ÉLISÉE RECLUS (1830-1905): EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PELA NATUREZA

Roberto Carlos RECH¹

RESUMO

Neste artigo, analisamos as concepções presentes nas obras de Élisée Reclus (1830-1905) sobre a relação entre Homem-Natureza como elemento fundamental para a construção de uma proposta de Educação Geográfica. Trata-se de uma análise inicial, com enfoque em uma pequena parcela dos escritos de Reclus. Sendo assim, algumas considerações preliminares são expostas nesse trabalho, dentre quais as críticas do autor à escola formal e sua relação com o desenvolvimento capitalista, bem como as propostas de Reclus para uma Educação Geográfica além dos limites desta escola. Para isso, o autor defende a mediação da natureza no processo educativo e na construção de uma Educação Geográfica que possibilite aos sujeitos o desenvolvimento de ações em busca da emancipação social.

Palavras-chave: Élisée Reclus. Educação. Geografia. Natureza.

¹ Graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), câmpus de Francisco Beltrão. Mestrando em Geografia pela UNIOESTE, câmpus Francisco Beltrão. Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Geografia (GPEG).

ÉLISÉE RECLUS (1830-1905): EDUCATION GEOGRAPHIC BY NATURE

ABSTRACT

This paper analyzes the conceptions in the writings of Elisée Reclus (1830-1905) about relationship between man and nature as a key element for the construction of a proposal for Geographic Education. This is an initial analysis, focusing on a small portion of the Reclus's writings. Therefore, some preliminary considerations are exposed in this paper, among wich the author's criticism to the formal school and its relationship to the capitalist development, as well as propose of Reclus for Geographic Education beyond the limits of this school. For this, the author defends the mediation of nature in educational process and in a building a Geographic Education that enables to subjects the development of actions in pursuit of social emancipation.

Keywords: Élisée Reclus. Education. Geography. Nature.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa ainda incipiente. Avançamos no limiar de nossas possibilidades. Trazemos de momento algumas considerações e ponderações preliminares. A cada nova leitura do geógrafo francês Élisée Reclus (1830-1905), ou de comentadores de sua obra, abrem-se novas perspectivas e caminhos a trilharmos. São muitas as preocupações a que se atem o geógrafo, sendo que dessa forma buscamos compreender e apreender alguns traços de seu pensamento sobretudo geográfico.

Visto que são muitas as discussões que a obra de Reclus traz, nos limitamos de momento. Nesse trabalho nos preocupamos com duas discussões que o geógrafo se propôs. Não são duas discussões aleatórias, mas em nossa perspectiva, se tratam de questões centrais e que perpassarão todo seu pensamento geográfico. Procuramos identificar e estabelecer algumas ideias preliminares acerca da relação Homem-Natureza na visão reclusiana, ao mesmo tempo que elencamos alguns apontamentos acerca do projeto educativo de Reclus, que dialoga fortemente com a primeira discussão, uma vez que a mediação da Educação para Reclus se encontra na Natureza.

A leitura da obra de Élisée Reclus não é tarefa simples. Primeiro há que se avaliar sobre quais obras nos ateremos no momento de fazer uma tentativa de interpretação de seu pensamento geográfico. Entender a complexidade da obra total de Reclus que aproxima-se a trinta mil páginas em publicações, incluindo livros, artigos, brochuras, parece tarefa impossível. Sendo assim, o primeiro passo é limitar as obras que analisaremos. Nesse ponto nos limitamos a ler textos de Reclus que dialoguem com as duas questões centrais propostas nesse trabalho.

Ainda a que se ressaltar que grande parte da obra de Reclus se encontra no idioma original, ou seja, o francês, o que dificulta o acesso. Fazemos nesse trabalho o esforço de interpretar textos originais de Reclus, como sua principal e derradeira obra *L'Homme et la Terre*, o que pode ocasionar possíveis erros de interpretações, visto que se trata de interpretar um idioma por vezes ainda estranho a nós. Há que se ressaltar que alguns pequenos fragmentos de sua obra recentemente vêm sendo traduzidos para o português. Decerto mais por vontade de grupos e editoras anarquistas que pela Geografia.

A tradução de textos de Reclus, principalmente do limiar do século passado adiante, reacende o debate em torno do pensamento reclusiano no Brasil. O resgate de Reclus, se é que assim podemos chamar, vem intensificando-se na ciência da qual faz parte, e Reclus vem ganhando maior espaço no seio da Geografia. Vários são os olhares acerca da contribuição de

descobrir algo como novo. Se trata de ter um novo olhar, sobre terras já descobertas, um novo olhar sobre um autor que vem ganhando a cada dia mais espaço na Geografia.

Procuramos escrever de uma forma que o leitor compreenda alguns pressupostos do pensamento de Reclus, antes de propriamente tratarmos da discussão central do texto. O presente trabalho apresenta três momentos. Num primeiro momento, travamos a discussão procurando realçar o contexto em que Reclus escreve e, esboçar algumas das ideias basilares vinculadas a ciência geográfica defendidas pelo autor. Feito isso, partimos para a concepção de educação reclusiana na formação humana, destacando a importância que Reclus atribui a Educação para a além da formação do Homem, para a mudança da sociedade. Por último, enfatizamos o papel da Natureza como mediadora da Educação para Reclus.

As linhas que seguirão trazem uma dentre as muitas interpretações que o pensamento geográfico reclusiano vem ganhando. Esperamos de alguma forma contribuir com o debate em torno da obra de Élisée Reclus.

2 PENSAMENTO GEOGRÁFICO E CONCEPÇÃO DE MUNDO EM RECLUS: APONTAMENTOS

O geógrafo Élisée Reclus apesar de somente no final de sua vida ter atuado efetivamente como professor possui extensa obra geográfica e literária (VINCENTE MOSQUETE, 2003). É a partir do esforço de seu olhar geográfico e de sua militância anarquista que constrói sua concepção de mundo e, para além disso, seu projeto de educação e sociedade.

Élisée Reclus, “geógrafo libertário” (GIBLIN, 1981, p. 6) parte de uma visão amalgamadora entre geografia e história. Como geógrafo não consegue enxergar separação entre essas duas áreas do conhecimento. “A geografia histórica concentra em dramas incomparáveis, em esplendidas realizações” (RECLUS, 2010a, p. 47) em um mundo complexo e com ações contraditórias. Para Reclus, Geografia e História, possuem a mesma preocupação. Ambas estão unidas “por um mesmo objeto de estudo, o ser humano, que, a sua vez constitui um elemento integrante da natureza, cujas leis está obrigado a seguir se quiser alcançar a liberdade e o pleno desenvolvimento pessoal” (BLANCO, 2010, p. 226). Para Reclus, “vista de cima, em sua relação com os homens, a Geografia não é outra coisa do que a História no espaço, ao mesmo tempo que a História é a Geografia no tempo” (RECLUS, 1905, t I, p. 04).

Reclus defende a “unicidade da geografia” (BOINO, 2010, p. 28). Não encontra separação entre geografia física e geografia humana. Na verdade estabelece-se elos e, a
Geoinf: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 7, n. 1, p. 79-99, 2015
ISSN 2175-862X (on-line)

dicotomia é ofuscada pelo pensamento complexo de Reclus. A fragmentação e o isolamento no estudo da ciência é combatido por Reclus (1894b), pois acarretaria em seu endurecimento e empobrecimento.

Ainda de acordo com Carneiro (2011, p. 105) “a geografia reclusiana caracteriza-se pela descrição da produção social do espaço e pela análise das relações entre as sociedades e o quadro físico e biológico em dimensões, simultaneamente, espaciais e temporais.” Reclus se propõe a construção de “uma geografia social, econômica e política, colocando em relevo os modos de produção, os sistemas de exploração capitalista e de opressão estatista” (BOINO, 2010, p. 12). É uma forma complexa de compreender o mundo e é na história que encontra maior possibilidade para explicar a realidade, o palco do qual faz parte. Para entender o presente, olha-se o passado, as lutas e enfrentamentos das gerações precedentes. “Pois a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias: a cada instante modifica-se pela ação do homem” (RECLUS, 2010d, p. 59).

Reclus (1985, p. 39) aponta que “a sucessão das idades se torna, para nós, uma grande escola.” É “o tempo [que] modifica incessantemente o espaço” (RECLUS, 1905, t I, p. 120). Para além de uma visão reducionista do processo histórico, pressupondo a linearidade sucessiva de eventos, para Reclus, o tempo pode ser diferente. Depende a relação dos homens entre si e destes com a natureza em determinado espaço. A produção do espaço para Reclus é complexa. “Ao meio-espaço, caracterizado por mil fenômenos exteriores, é preciso acrescentar o meio-tempo, com suas transformações contínuas, suas repercussões sem fim” (RECLUS, 1985, p. 57). Assim essa relação para Reclus (1905, t I) é compreendida como uma *espiral* histórica e geográfica.

A *espiral* é a forma que melhor representaria essa relação homem e natureza, para Reclus (1905, t I), dentro do movimento da história. Em sua análise pode-se dizer que existe uma aproximação do pensamento dialético, pois não se limita a pensar uma espiral homogênea e geometricamente regular, com um movimento unidirecional e estabilizado, é uma espiral que redimensiona sua envergadura a cada novo acontecimento. Essa flexibilidade vem do fato de que nem homem, nem natureza podem ser homogêneos e inertes. Dessa forma Reclus concorda que esse movimento poderia ser comparado a um redemoinho. O constante movimento e sucessivas transformações, para além do orgânico, é em que homem e natureza coincidem.

Reclus vive em pleno século XIX imerso nas ideias do positivismo comtiano fortemente divulgadas e apropriadas pela ciência. Reclus não foge desse debate, mas para além das ideias de evolução e progresso recorrentes, acredita em um mundo e uma sociedade frutos do incessante e constante enfrentamento das forças, por vezes contraditórias da natureza e do Geingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 7, n. 1, p. 79-99, 2015
ISSN 2175-862X (on-line)

homem. A ideia de progresso ligada a perspectiva de uma sucessão de eventos que levam a uma evolução linear é combatida por Reclus (RECLUS, 2011b). Reclus coloca que “a evolução se faz no cérebro, e são os braços que fazem a revolução” (RECLUS, 1889, p. 154). Para Reclus “a história nos ensina que o trabalho dos homens associados, resultando na conquista e na unificação da superfície planetária, não se fez absolutamente de um movimento sempre igual e contínuo” (RECLUS, 1894b, p. 490). Quando a liberdade sobressaiu-se o progresso humano realçou-se, quando nos aproximamos da servidão observou-se recuos (RECLUS, 1894b). Para Reclus (1905, t IV, p. 531) “o fato geral é que toda modificação, por mais importante que seja, realiza-se por um adjunção ao progresso de retrocesso correspondente.”

O progresso é sim a luz ao fim do túnel para Reclus (RECLUS, 2011b). A felicidade da humanidade unida em um só corpo e objetivo, sem desigualdades sociais e com homens e mulheres gozando de plena liberdade guiados sob a luz da livre associação é no que acredita Reclus. Ele acredita na busca do equilíbrio e da harmonia. Mas “em primeiro lugar, para Reclus, a busca do equilíbrio é antes de tudo um processo e não um objetivo” (BOINO, 2010, p. 37). Se há avanços e se as evoluções tendem para a humanização, há outras que podem tender ao recuo e ao freamento de tal anseio. Para Reclus “a humanidade se forma e se reforma com suas alternâncias de progressos, de recuos e de estados mistos, das quais cada um contribui diversamente para formar, modelar e remodelar a raça humana” (RECLUS, 1905, t I, p. 116). “Nunca nenhum progresso, quer seja parcial ou geral, realizou-se por simples evolução pacífica; sempre se fez pela revolução repentina” (RECLUS, 1889, p. 154) pela pressão pública.

Para Reclus, gerações sucessivas à medida que se desenvolvem em inteligência e liberdade aprendem a dialogar com as forças e com as leis da natureza. A cada nova geração ou a cada novo homem que nasce, este não deixará de transformar o mundo, mesmo que nem sempre de forma consciente e com uma postura clara de atuação. A “cada novo indivíduo que se apresenta, com atitudes que surpreendem, com uma inteligência inovadora, com pensamentos contrários à tradição, se torna um herói criativo ou um mártir: mas, feliz ou infeliz, ele age, e o mundo se transforma” (RECLUS, 1905, t I, p. 116).

A mudança do globo, as revoluções naturais e sociais são atribuídas as forças conflitantes ou coincidentes entre homem e natureza ao longo das gerações. O meio se transforma pela ação combinada das forças da natureza e do homem (RECLUS, 1905, t I). Os homens “tornados pela força da associação verdadeiros agentes geológicos, transformaram de várias maneiras a superfície dos continentes, mudaram a economia das águas correntes, modificaram até mesmo os climas, deslocaram fauna e flora” (RECLUS, 1869b, p. 670). Na

medida que o tempo passa, o homem se torna no maior diversificador da natureza, mas também
Geogingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 7, n. 1, p. 79-99, 2015
ISSN 2175-862X (on-line)

a nega e parece esquecer que dela faz parte. Se a destrói, indiretamente causa autodestruição. Reclus já alerta para essa relação quando aponta que “o homem verdadeiramente civilizado, compreendendo que seu próprio interesse confunde-se com o interesse de todos e aquele da própria natureza, age completamente diferente” (RECLUS, 2010a, p. 53).

A natureza assim aos poucos separa-se do homem, ou melhor dizendo, o homem propõe tal divórcio. Reclus (1869a) já denuncia que a apropriação da natureza efetua-se diametralmente em sentidos divergentes quando se pensa que vive-se em uma sociedade de classes. Enquanto a grande maioria, a massa de oprimidos, passa a ver na natureza um algoz a ser enfrentado para a construção do mundo civilizado, com a força de seus braços, do outro lado, uma pequena classe de privilegiados cooptam o produto de tal relação para manutenção e acirramento de seus interesses. A contemplação da natureza pela classe burguesa não é mais do que para mostrar ao proletariado o distanciamento que existe dos filhos de uns e de outros. A natureza, talvez com desdém, serve sempre graciosa aos proprietários, seja das terras urbanas ou rurais, dos que detém os meios de produção e principalmente de quem tem o poder político nas mãos (RECLUS, 1869a).

Élisée Reclus (1869b, p. 671) não defende a intocabilidade da natureza pelo homem e concorda que “a primeira das condições para que o homem chegue um dia a transformar completamente a superfície do globo é que ele a conheça toda e que a percorra em todos os sentidos” e, inscreva a natureza a vida social ao território humano. Os fatos da história se explicam pela disposição do teatro geográfico, do qual homem e natureza fazem parte. O homem é o principal agente modificar da terra. Ao se apropriar da natureza é que se expande o território humano sobre o natural.

O homem modifica a terra e a natureza para produzir mais a fim de alimentar e garantir sua espécie, mas por outro lado o homem muda sua beleza e sua estética. A importância do homem, assim é crucial, para a mudança que a superfície da terra vem passando. Melhorar e embelezar a natureza deve ser o papel do homem. Ambos não deixam de ser um. Não se pode deixar de ressaltar que a estética é apropriada pelo capitalismo, pelos agentes imobiliários. Se instaura uma única forma de apreciação e de contato com a natureza através da compra de propriedade.

O homem pretende-se dominador da natureza, que parece-lhe alheia. Evoca um antropocentrismo exacerbado. Reclus assinala que o homem evoca palavras como luta e triunfo para expressar o progresso da humanidade, à medida que enfrentamos e nos afastamos da natureza. Porém alerta, como “se fosse possível uma outra vida e não a da natureza para conseguir modificar as formas exteriores: é preciso saber acomodar-se a esses fenômenos [da

natureza], aliar-se intimamente a suas energias” (RECLUS, 1985, p. 58) e não delas se afastar. Ainda aliado a essas forças da natureza devemos para Reclus, nos associar a “um número crescente de companheiros que a compreendam para fazer obra permanente” (RECLUS, 1905, t I, p. 118).

Para Reclus a natureza se apresenta como beleza e o homem como artesão. Deve se buscar preservar e promover sua beleza, manter a harmonia e não a enfeá-la. “Todavia é preciso dizê-lo, os povos que estão na vanguarda da humanidade [a classe opressora] preocupam-se em geral muito pouco com o embelezamento da natureza, muito mais industriais do que artistas eles preferem a força a beleza. (RECLUS, 2010a, p 71). Apesar que admite que a partir do desejo do homem se constitui um novo embelezamento da natureza. Decerto, às vezes uma estética ligada a apropriação privada.

Mas voltamos, ao homem que é natureza. “O homem é a natureza formando consciência de si mesma” (RECLUS, 1905, t I, p. I). Ao contato direto com a natureza é que nós homens que permitimo-nos senti-la, também podemos ver nossos anos andando, “[...] pois nós temos plenamente consciência de nossa vida” (RECLUS, 1969a, p. 192) passageira, que a cada experiência mais sabedoria, espera-se. “Graças à paisagem que muda em torno de nós, nossas ideias também se rejuvenescem; a vida ambiente que nos penetra nos impede de mumificar antes do tempo” (RECLUS, 1869a, p. 185). Não esqueça-se que de parte componente, o homem torna-se consubstancialmente agente ativo sobre a história da natureza.

Quando Reclus argumenta que “todo fenômeno é complexo” (RECLUS, 2010d, p. 37), realça-se que o meio primitivo sendo “constituído pelas coisas circundantes, é apenas uma tênue parte do conjunto das influências às quais, o homem está sujeito” (RECLUS, 1985, p. 57). Para além de uma análise determinista, o meio primitivo surge não como obstáculo, mas sim enriquece a humanidade e possibilita sua emancipação. “A força do homem se mede pelo seu poder de acomodação ao meio” (RECLUS, 1869b, p. 670), luta incessante contra as forças da natureza. As quais se apropria para modificar a natureza ao seu redor. A humanidade floresce sobre a terra e a consome em todos os sentidos.

O homem também é natureza, dela não se abstrai, se identifica e se considera parte para todos efeitos (CODELLO, 2007). Mas sem dúvida um ser com potencialidade e diferencialidade. Por mais belo e extenso que o trabalho de qual seja o animal existente no planeta, não há como compará-lo ao do homem. O “trabalho do homem, continuamente modificado, dá à superfície terrestre a maior diversidade de aspectos e a renova, por assim dizer, a cada novo progresso da raça humana, em sabedoria e experiência” (RECLUS, 1869b, p. 671).

dificuldades, culminam na ânsia de ir além, de criar e superar. Olhemos os exemplos das irrigações e dos sistemas de estufas para enfrentar o clima as vezes inóspito a produção alimentícia e, veremos ações congruentes de diferentes povos (RECLUS, 1869b). Reclus salienta que nenhum outro animal sob a face da terra possui algo próximo de nossas fábricas (ANDRADE, 1985) - os verdadeiros abatedouros humanos - que agregue e degrade tanto a humanidade ao mesmo tempo.

O capitalismo no trouxe as fábricas e, a imensa diversidade de produtos a que podemos ter acesso. Trouxe benefícios ao homem, mas não somente avanços. A vida se torna rígida, o caminho a se trilhar parece de mão única, as diferentes perspectivas são ostracizadas em detrimento de uma, a que os agentes dominadores têm nas mãos. A indústria moderna avaliada por Reclus “como em qualquer outro fenômeno histórico, as consequências da evolução fazem-se sentir em progresso e retrocesso” (RECLUS, 1905, t IV, p. 324).

Há que se ressaltar que se “incalculáveis são as riquezas com que a fábrica há enriquecido a humanidade, e estas aumentam cada ano, graças a força que se sabe tirar dos combustíveis, e graças também ao emprego mais sábio e geral que se dá as águas correntes [...] do riacho” (RECLUS, s/d, p. 176) e de outras forças da natureza, também são “numerosos [os] produtos que saem das fábricas [...] e que], não alcançam a todos os homens, deixando na mais negra miséria aos que os produzem” (RECLUS, s/d, p. 176). Reclus aponta que “na grande família da humanidade, a fome não é unicamente o resultado de um crime coletivo, é ainda um absurdo, pois os produtos ultrapassam duas vezes as necessidades do consumo” (RECLUS, 2002, p. 73). “É em sentido oposto ao trabalho que são distribuídos os produtos do trabalho. O ocioso tem todos os direitos, mesmo aquele de causar a fome em seu semelhante, enquanto o trabalhador nem sempre tem o direito de morrer de fome em silêncio” (RECLUS, 1889, p. 153)

Os interesses dos homens e mulheres podem não ser os mesmos e as rivalidades até estarem nos interstícios dos povos. Apesar disso Reclus acredita sim, que o homem com o passar das gerações evoluiu. Avança em sua humanização e enfrentamento diante da natureza, onde passa das cavernas e casebres, a morar-se em casas e prédios e, cria-se a agricultura, por exemplo. Reconheça-se conforme Reclus que foram muitos os progressos se levarmos em conta o conjunto da civilização, porém “uma multidão entre nós, deserdada ainda, vive nos esgotos saídos dos palácios de seus irmãos mais venturosos; milhares e milhões de indivíduos entre os civilizados habitam porões e outros redutos úmidos, grutas artificiais [...] insalubres” (RECLUS, 1869a, p. 68-69), os marginalizados e expropriados socialmente. Com o advento do capitalismo e o esfacelamento das populações em classes com interesses divergentes, um objetivo comum fica à mercê de uma única classe dirigente (RECLUS, 1905, t VI), insistindo

Geolingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 7, n. 1, p. 79-99, 2015
ISSN 2175-862X (on-line)

no interesse de uma minoria. Apesar disso Reclus não deixa de acreditar em um mundo melhor, mesmo que a longo prazo e que seus olhos não o vejam. Porém um primeiro passo, para propor um mundo melhor, ainda que tímido sempre há de ser dado.

Reclus vê um mundo ao seu redor em que na luta pela existência “corremos atrás de fortuna que iremos conquistar, direta ou em detrimento de nossos semelhantes.” (RECLUS, s/d, p. 178). Reclus pergunta esperançoso se, terá fim está luta feroz, pela existência? “Seremos sempre inimigos uns dos outros? Os ricos ab-rogam eternamente o direito de depreciar aos pobres, e estes a sua vez condenados a miséria não cessaram de contestar o desprezo com o ódio e a opressão com o furor? Não, não será sempre assim.” (RECLUS, s/d, p. 178).

Sem dúvida Reclus acredita que sim e, aqui entendemos sua ideia de progresso, pois “estudando com calma a marcha da história vemos o ideal de cada século convertendo-se na realidade do século seguinte, vemos o sonho do utopista adquirir forma precisa, para fazer-se necessidade social na vontade de todos.” (RECLUS, s/d, p. 179). Reclus almeja seu triplo ideal, “a conquista do pão, a conquista da instrução e a moralidade para todos” (RECLUS, 1894b, p. 494). Acredita e insiste,

que infinita alegria entre todas as abelhas [nós, homens] no trabalho da edificação e do aprovisionamento de uma colmeia da qual nenhum parasita viria roubar o mel! Quanta fraterna felicidade em coordenar seus esforços para a criação de um belo organismo no qual cada um tem sua parcela de trabalho pessoal e consagra sua existência à realização de uma obra perfeita, detalhe harmônico de um conjunto que convém a todos. É que o objetivo social terá mudado por completo. (RECLUS, 2010b, p. 83-84).

Ele encontra na educação e na ciência a pedra filosofal da construção desse novo mundo. Nós “não aceitamos verdade promulgada: fazemo-la nossa, antes de mais nada, pelo estudo e pela discussão, e aprendemos a rejeitar o erro, tivesse ele mil selos de garantia e certificados” (RECLUS, 2002, p. 36). E quando “a ciência tudo esclarecer [...] então nós poderemos desfrutar da plenitude de nossos dias e prolongar nossa existência até seu término natural, contanto que nosso estado social não continue sendo o de nos odiarmos e nos matarmos uns aos outros” (RECLUS, 1869a, p. 117). Para combater é preciso saber. “É nas cabeças e nos corações que as transformações devem realizar-se, antes de estender os músculos e transformar-se em fenômenos históricos” (RECLUS, 2002, p. 45).

Talvez uma visão utópica, talvez otimista. Apesar de tudo, uma visão.

3 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO RECLUSIANA FORMAÇÃO DO HOMEM

Élisée Reclus assume o anarquismo-comunismo como concepção política e de organização social (COSTA, 1933). “O anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido e que não quer ser opressor, aquele que deseja o maior bem-estar, a maior liberdade, o maior desenvolvimento possível para todos os seres humanos” (MALATESTA, 2001, p. 6). É no confronto pela via anarquista que Reclus direciona suas forças. Pelo exemplo, bem mais que por discussões teóricas, procura divulgá-lo por boa parte de sua vida. Isso não significa a negação da edificação de um mundo sob outro prisma que não o anarquismo, por parte do geógrafo *communard*². Sua principal defesa está nos princípios basilares do anarquismo, a liberdade e a solidariedade.

A sua defesa está naquilo que o anarquismo representa enquanto ruptura com o capitalismo, onde busca-se uma sociedade assentada nos valores da liberdade e da solidariedade. Para Reclus inclusive teríamos de construir uma organização social, que merecesse o nome de sociedade, pois “enquanto na terra ‘houver pobres’, é um gracejo de mau gosto, é uma ironia cruel dar o nome de ‘sociedade’ a este conjunto de seres humanos que se odeiam e se despedaçam como feras encerradas numa arena” (RECLUS, 1892, p. VII). E continua, falando que a “reivindicação de todos os bens usurpados à comunidade, isto é, a expropriação, só o comunismo anárquico a pode realizar.” (RECLUS, 1975, p.12-13).

A educação é um dos elementos centrais para se pensar a formação de sujeitos que busquem se afastar do egoísmo e da competitividade se aproximando sempre mais da solidariedade e da liberdade para construir esse novo mundo sob nova luz, uma luz que possa brilhar a todos. Nesse processo a escola ganha sua parcela de importância. Obviamente uma outra concepção de escola é aquela em que Reclus acredita. A escola burguesa, calçada nos “3 C”, para a competitividade, consumismo e conformação presente em nossa realidade (GIROTTI, 2014) não é a que Reclus acredita. Sobretudo, a escola não atribui-se papel central na educação, este que seria dividido entre todos sujeitos sociais, aproximando-se da formação do *homem político* da Grécia antiga (JAEGGER, 2001), ainda que sob outros contornos.

A crítica de Reclus e de outros Anarquistas à escola está naquilo que ela representa enquanto reprodução daquele modelo de sociedade pautada na distribuição desigual do poder. Tal elemento revela, para o autor, a função da escola burguesa no que diz respeito à reprodução

² Como ficaram conhecidos os militantes da *Commune de Paris* de 1871 da qual Élisée Reclus fez parte e foi preso de armas a mão. (ANDRADE, 1985).

das hierarquias sociais existentes no modo de produção capitalista. Por isso o distanciamento entre a escola e a vida e, a busca por um ensino que se volte para a obtenção de notas e, conseqüentemente, títulos. Para o autor, é preciso resgatar a relação essencial entre vida e educação, pois “a educação não tem valor, nem mesmo sentido, senão sob a condição de servir na vida, após a saída da escola, e continuar-se pela manutenção e pelo progresso das forças intelectuais” (RECLUS, 2010c, p. 42). É a partir dessa relação que podemos começar a projetar uma relação social ausente de explícitas hierarquias e fragmentação social.

Para Reclus, a escola burguesa, instituída pelo capitalismo, secundariza a relação com a vida, é nela que que “parte enorme do ensino faz-se [...] com vistas ao exame, e não poderia ser de outra maneira porquanto do exame dependem os cargos, as posições oficiais e sociais” (RECLUS, 2010b, p. 34-35). Reclus (2010c, p. 34) fala ainda quanto a isto, que “os estudantes são, pois, advertidos: não é pelo conhecimento que eles entram nas altas escolas, é com a esperança, com frequência, inclusive, com o único desejo, cnicamente declarado, de subir os degraus que conduzem à fortuna.” Acentua-se assim a divisão social de classes, iniciada na escola.

Mas Reclus não se restringe somente a críticas a escola e mesmo ao processo educativo no modo de produção capitalista. Tece uma nova e revolucionária perspectiva. Seu o projeto de escola não deixa de estar vinculado ao seu projeto de sociedade, abancado no anarquismo. Assenta-se na formação de um sujeito histórico e geográfico, consciente das contradições que envolvem o mundo em que vive e capaz de assumir sua responsabilidade no processo de transformação social. A força e a pressão pública, como movimentos necessários na construção desta sociedade, aparecem em sua obra como um dos caminhos para a transformação social, uma vez que podem permitir a ruptura da exploração a partir da socialização dos meios de produção. Porém, não há possibilidade de uma mudança social radical sem a formação de uma consciência autônoma, capaz de pôr em xeque os fundamentos de uma sociedade calcada no poder centralizado e na desigualdade produzida também através dele (GIROTTI; RECH, 2011).

Por isso, Reclus, com seu projeto de educação anarquista, pensa a formação integral dos homens e mulheres de suas consciências como seres históricos e geográficos (GIROTTI; RECH, 2011), no qual a ênfase na esfera da racionalidade cede espaço à filosofia, à arte³, a política na busca da auto formação. Tal empreitada, admite Reclus não é fácil, assume que “entre iguais a obra é mais difícil, mas é mais elevada: é preciso buscar asperamente a verdade,

³ Para Reclus aliás “a arte é a vida.” (RECLUS, 2010b, p. 88).

encontrar o dever pessoal, aprender a conhecer-se, fazer continuamente sua própria educação, conduzir-se respeitando os interesses dos camaradas” (RECLUS, 2011a, p. 27-28). Tal anseio é demasiado árduo. Mais demasiado é sua necessidade.

O processo educativo defendido por Reclus não está atrelado ao modelo formal de educação, ora sob os olhos da Igreja, ora sob os olhos do Estado. A centralidade institucional do poder, no caso a educação, é por Reclus e outros autores anarquistas combatido. A educação, em sua obra, é um processo coletivo de compreensão do mundo e constitui-se enquanto resultado e condição da práxis. Dá-se exatamente no lugar onde as condições de expropriação social tornam-se intensas. É ali que a solidariedade humana teima em aparecer, apontando caminhos para a construção de outra consciência (GIROTTI; RECH, 2011).

A escola estando vinculada a vida, não poderá estar limitada a um plano formal de funcionamento que venha “de cima” e, que busca homogeneizar a formação dos sujeitos. Para Reclus, “há, decerto, vantagem em modificar as condições da escola segundo os indivíduos e meios” (RECLUS, 2010c, p. 21). Se ela encontra-se inserida em uma comunidade, é exatamente dela que deve emergir seu papel, seu plano de funcionamento, visto que há muitas realidades, os homens de lá não são os mesmos daqui. A mudança é aqui e agora.

Em seu projeto de educação a solidariedade entre alunos e professores, concretizada na compreensão da autonomia e liberdade é necessária para que os sujeitos se desenvolvam. Para além de uma educação pautada no medo e centrada no conhecimento dos professores como “senhores da verdade” (RECLUS, 2010c, p. 11), cabe a eles, que almejam uma educação para o desenvolvimento integral dos homens e mulheres, instigar o diálogo crítico e criativo com seus educandos para entender o mundo em que vivem e ajudarem no processo de construção de uma nova sociedade.

O papel da escola seria, assim, o de reorganizar as ideias da escola burguesa que deveria ser superada, uma escola que fosse capaz de armar as pessoas, prepará-las para a luta e para a construção de um novo mundo. Não se trata de esquecer a antiga escola, mas de superá-la, entendê-la, para poder questioná-la e ao mesmo tempo projetar algo que nem ao menos se parece com a antiga “escola servil”, em que “obedecer a fim de ser recompensado por uma longa vida e pela benevolência dos senhores, eis toda sabedoria” (RECLUS, 2010c, p. 16).

A defesa da autonomia e da liberdade na formação da criança assim é reforçada. Pois “não se deve abrir a flor para fazê-la desenvolver-se à força, empanurrar a planta ou animal dando-lhe antes da hora um alimento demasiado substancial” (RECLUS, 2010c, p. 18). Mostra-se os caminhos, respeita-se as individualidades, sobretudo regando com sempre presentes diálogos. Escuta-se sim corpos veteranos, eles têm o que nos ensinar. Não há como negá-los.

A dialogicidade que Freire (1987) destaca, não aparece somente no discurso de Reclus, mas é eixo essencial e, deve estar presente constantemente nessa relação professor-aluno, em que se construa uma relação mútua no processo de conhecimento, pois para Reclus “o verdadeiro ensinamento faça-se pela ação direta de indivíduo a indivíduo” (RECLUS, 2010c, p. 50) e as crianças e jovens “aprendem graças ao exemplo bem mais do que pelos fatos dos quais enriquecem sua memória” (RECLUS, 2010c, p. 20). Ouçamo-lo e, damos mais exemplos que “aulas magnas”.

O diálogo surge como “argamassa”, encontrando-se presente nas “paredes” desse edifício incessante e contínuo, sempre inacabada construção do mundo, exatamente por representar aquele elemento que une a diversidade, faz-se com que se encontre ponto de contato, onde pode parecer a princípio não haver. Ele não aparece apenas na escola, mas sobretudo no seio da comunidade. É a comunidade em torno de uma vontade comum que constrói tal diálogo. Ele deve aparecer desde a mais tenra idade no processo educativo, onde as crianças iniciam a compreensão de mundo e, começam a entender sua parcela de responsabilização na realidade da qual vivem.

4 EDUCAÇÃO: A MEDIAÇÃO PELA NATUREZA

Tal diálogo, por sua vez, segundo Reclus, deve ser mediado pela natureza e não pela repetição incessante de tarefas mecânicas como ocorre em grande parte até agora. Para Reclus “nisto consiste o verdadeiro método: ver, criar de novo, e não repetir mnemonicamente” (RECLUS, É. p, 1903b, p. 9) e mecanicamente. Da mesma forma Célestin Freinet concorda com Reclus no que tange à discussão do papel da natureza na formação educativa, pois “a criança [...], não nasceu para viver encerrada. O ambiente que melhor lhe convém é a natureza.

É, portanto, a natureza que pomos à sua disposição.” (FREINET, 2001, p. 21). Ainda nesse ponto Reclus parece dialogar com Rousseau, pois “tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza e logo o tornareis curioso; mas, para alimentar sua curiosidade, nunca vos apresseis em satisfazê-la. Colocai questões ao seu alcance e deixai que ele as resolva” (ROUSSEAU, 1999, p.207).

Deve-se assim se abandonar as antigas formas de aulas centradas em salas de aula que muitas vezes mais parecem prisões⁴. Deve-se “voltar a natureza” (RECLUS, 1903a, p. 5). Ao mesmo tempo não se trata de abandonar a escola como lócus de processo de construção de conhecimento e entendimento do mundo, mas encará-la como lugar de constante práxis e, dar destacada ênfase a natureza, partindo do mundo que conhecemos ao nosso redor. Para Reclus a escola “verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. [...] É apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior” (RECLUS, 2010c, p. 25).

A construção de nosso conhecimento inicia-se a partir do mundo que conhecemos, do ver e sentir esse mundo. O estudo não inicia-se em livros que damos as crianças (RECLUS, 1903a, p. 68). Reclus escreve em carta a mãe:

Observar a Terra é, para mim, estudá-la. O único estudo verdadeiramente sério que eu faço é aquele da Geografia, e acredito que valha a pena observar a própria natureza em vez de imaginá-la da sala de um escritório fechado. Nenhuma descrição, por mais bela que seja, pode ser verdade, pois ela não pode reproduzir a vida da paisagem, a caída da água, o tombo das folhas, o canto dos pássaros, o perfume das flores, as formas das nuvens. Para conhecer é preciso ver” (RECLUS, 1911, p. 109).

Não é de abstrações, mas pelo contrário, do real, situações autênticas de dúvidas, inquietações, riscos e por vezes ingenuidades que começamos o edifício de nossa vida e do mundo ao nosso redor. A nossa experiência só pode ser única por que meus olhos veem e meus pés sentem coisas que os seus não o puderam. “Em vez de raciocinar sobre o inconcebível, começamos por ver, por observar e estudar o que está a nossa frente, ao alcance de nossos sentidos e de nossa experimentação” (RECLUS, 1903c, p. 65).

Nesta ótica se apresenta não uma visão utilitarista da natureza, mas se estabelece uma relação equitativa do homem em relação com a natureza. Trata-se de aprender com a natureza. “A visão da natureza e das obras humanas, a prática da vida, eis, portanto, os colégios onde se faz a verdadeira educação das sociedades contemporâneas” (RECLUS, 2002, p. 108).

O homem sobretudo para Reclus deve voltar a entender-se como parte da natureza. Aliás o “homem é a natureza formando consciência de si mesma”, (RECLUS, 1905, t I, p. 4) apesar que entendido como principal agente transformador, o homem não pode negar suas

⁴ “Cedo ou tarde, sempre demasiado pronto, chega o tempo em que a prisão da escola encarcera a criança entre suas quatro paredes; e digo prisão porque o estabelecimento de educação o quase sempre é, já que a palavra escola já perdeu faz muito tempo sua primeira significação grega de recreio e de festa.” (RECLUS, 1903a, p. 7-8).

raízes, ou pode, ou irá padecer. Diferente da dinâmica natural da Terra, que inúmeros verões hão de ser necessários para mudanças perceptíveis, “a ação do homem se dá, ao contrário, a maior diversidade de aspecto à superfície terrestre. De um lado, ela destrói, do outro ela melhora; segundo o estado social e os progressos de cada povo, ela contribui ora para degradar a natureza, ora a embelezá-la.” (RECLUS, 2010c, p. 52).

Nós “somos filhos da terra. É dela que extraímos nossa subsistência; ela sustenta-nos com seus sucos nutritivos e fornece o ar aos nossos pulmões; do ponto de vista material, ela nos dá “a vida, o movimento e o ser” (RECLUS, 2010c, p. 51). A “terra fez o homem e o homem refaz a terra incessantemente” (RECLUS, 1894a, p. 7) e, para Reclus, ainda o homem é a alma da Terra. (RECLUS, 1864). Sim, com potencialidade diferente, mas ainda assim os homens são natureza.

Sentindo-se parte da natureza, o homem passa a querer viver com mais harmonia para com ela, pois destruí-la seria destruir a si mesmo. “Tornado a consciência da terra o homem digno de sua missão assume uma parte da responsabilidade na harmonia e na beleza da natureza em seu entorno” (RECLUS, 1864, p. 763). O homem transforma a natureza, mas traz uma concepção estética nessa ação. Ela só pode ser resultado de um processo educativo que traga em seu âmago forte vínculo com a esfera artística, pois ela permite a produção da obra original e, o contato com o sentimento presente em tal ação só torna a obra mais elevada. Assim “a parcela da educação que deve resultar nas grandes transformações estéticas é ainda bem mais delicada do que a educação científica, pois ela é menos direta, e a elaboração completamente pessoal, é infinitamente mais nuançada” (RECLUS, 2010c, p. 68).

Isso não significa negar o papel da ciência. Pelo contrário, Reclus a insere em suas discussões e, lhe dá papel de destaque, mas não o coloca como única via de conhecimento e construção de mundo. O próprio Reclus afirma que “a impressão da beleza precede o sentido do ordenamento e da ordem: a arte vem antes da ciência” (RECLUS, 2010c, p. 68).

A natureza surgiria, portanto, como elemento fundamental para que professores e alunos possam desenvolver amplamente os diferentes sentidos, compreendendo que as dimensões do conhecimento são muitas e que não existe sentido pensar em um modelo de conhecimento que separa razão e sentimento (GIROTTI; RECH, 2011). Tanto que para Reclus “o sentimento da natureza, assim como gosto pelas artes, desenvolve-se pela educação” (RECLUS, 2010b, p. 69).

Portanto, para Reclus, a construção deste outro projeto de sociedade, pautado na negação do poder como elemento da desigualdade social só pode se dar a partir de uma ampla mudança cultural que tem na educação um de seus movimentos essenciais. A crítica de Reclus
Geoiçã: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá, v. 7, n. 1, p. 79-99, 2015
ISSN 2175-862X (on-line)

e de outros Anarquistas à escola formal está naquilo que ela representa enquanto reprodução daquele modelo de sociedade pautada na distribuição desigual do poder (GIROTTI; RECH, 2011). Élisée Reclus lança sua proposta. Mais que sob os olhos ela deve ser entendida por cabeças, braços e corações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O geógrafo francês Élisée Reclus pensa um mundo que se edifica e consolida ancorado nos princípios da liberdade e da solidariedade. Consolidar, não significa que as contradições desaparecem. Pelo contrário, elas permanecem e, somente o constante diálogo pode buscar dia a dia superá-las. Essa é sobretudo uma tarefa que só o homem pode realizar. A partir da sedimentação da liberdade e da solidariedade valores essenciais para a construção de uma sociedade sem distinções principalmente sociais não cessariam de emergir.

A partir do anarquismo-comunismo que assume enquanto posição político-social, Reclus acredita em uma ciência fortemente ligada a uma interpretação ética do desenvolvimento social e a educação favorecendo a libertação e emancipação social. Reclus busca construir um projeto de educação, sobretudo mediado pela natureza, pela ação direta, que corrobore na construção de uma sociedade mais equitativa dos homens uns com os outros e dos homens com a natureza. Para Reclus essa é uma tarefa demasiada árdua, mais demasiada, sua necessidade.

A educação para além de responsabilidade centralizada em uma figura ou instituição, como o pai, a escola ou o Estado, é dividida entre todos os sujeitos sociais. A juventude não atuará mais do que no seio da sociedade da qual fazem parte. A preocupação de toda a sociedade em pensar a formação do sujeito encontra-se nesse ponto.

Reclus nos traz algumas reflexões. Elas obviamente não anunciam por completo as ideias do geógrafo. Extrair palavras e reflexões em uma obra de quase trinta mil páginas e, colocá-las em poucas páginas, para além de um trabalho difícilíssimo, nos parece pouco provável alcançá-lo. Mas ainda assim esse é um trabalho de esforço.

Aqui são apresentadas mais possibilidades e reflexões que verdades. Uma forma de compreender o mundo e o homem, o último que constrói a cada instante o primeiro. Se o homem é que constrói o mundo, não deveríamos acreditar que podemos construir um novo mundo sob a luz de princípios que possam ajudar a todos chegarmos mais próximo da igualdade e da felicidade?

Devemos nos permitir tal experiência. Nos condenar a liberdade e a buscar a liberdade dos que rodeiam-nos. Reclus traz mais algumas palavras que nos instigam a tal anseio perseguir.

Associamo-nos uns aos outros como homens livres e iguais, trabalhando em uma obra comum e regulando as nossas relações mútuas pela justiça e pela benevolência recíproca. Os ódios religiosos e nacionais não podem nos separar, dado que o estudo da natureza é a nossa única religião e que temos o mundo por pátria. (RECLUS, 1889, p. 155).

Com Reclus nos parece pertinente evocar suas palavras: “Nós somos revolucionários porque queremos a justiça e porque, por toda a parte, vemos a injustiça reinar ao nosso redor [...]. Contra a injustiça nós convocamos à revolução” (RECLUS, 1889, p. 153).

Construamos um novo mundo com a ajuda da “arte da educação” (RECLUS, 2010c, p. 11). É sobre as alteridades e dificuldades que devemos travar nossas lutas e não esquecer que as vezes “as flores permanecem sufocadas sob as urtigas” (RECLUS, 2010c, p. 85), lembrando que a discussão “pública prepara revoluções, [e] a vontade firme, absoluta, realiza-as” (RECLUS, 2010c p. 68). É sob este atual cenário que precisamos atuar como sujeitos, sem nos remetermos a seguir um roteiro prescrito pelas classes dominantes. Nós, oprimidos, devemos construir nosso roteiro de mudança.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. Atualidade do pensamento de Élisée Reclus. In: ANDRADE, M. C. (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.

BLANCO, Modesto. Actualidad y vigencia del pensamiento geográfico de Élisée Reclus. **Treballs de la Societat Catalana de Geografia**, 70, p. 225/236, 2010.

BOINO, Paul. O Pensamento Geográfico de Élisée Reclus. In: RECLUS, Élisée. **Da ação humana na Geografia Física**; Geografia comparada no Espaço e no Tempo. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário, p. 09-39, 2010.

CAMPOS, Rui Ribeiro. Élisée Reclus e “Histoire d’un Ruisseau”: Os Rios Também Têm História. **Anais Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**, São Paulo, USP, 2011.

CARNEIRO, Beatriz Scigliano. *Élisée Reclus: torrente libertária. Ecopolítica*, PUC-SP, São Paulo, 2011.

CODELLO, Francesco. *A boa educação*. São Paulo: Imaginário; Ícone, 2007.

COSTA, Emílio. *Élisée Reclus - uma figura moral*. Lisboa: Seara Nova, 1933.

FREINET, Célestin. *Para uma escola do povo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIBLIN, Béatrice. "Élisée Reclus, 1830-1905." *Hérodote*, 22, 1981.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti. *Temas e problemas de política educacional*. Manuscrito. Francisco Beltrão. 2014.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; RECH, Roberto Carlos. Educação e geografia em Élisée Reclus: presença e ausência nas diretrizes Curriculares de Geografia do Paraná. *Anais Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo*. São Paulo, USP, 2011.

JAEGER, Werner Wilhelme. *Paidéia: a formação do homem grego*. - 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALATESTA, E. *A Anarquia*. São Paulo: Imaginário, 2001.

RECLUS, É. *Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011a.

RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002.

RECLUS, Élisée. Carta a Ferrer Guardia. *Boletín de la Escuela Moderna*, Barcelona, nº 6, año II, p. 68. Marzo de 1903a.

RECLUS, Élisée. *Correspondance*. T. I et II, Paris, Schleicher Frères, éd. par Louise Dumesnil, 1911.

RECLUS, Élisée. **Correspondance**. T. III, Paris, Alfred Costes, éd. par Paul Reclus. 1925.

RECLUS, Élisée. **Da ação humana na Geografia Física**. *Geografia Comparada no Espaço e no Tempo*. São Paulo: Imaginário, 2010a.

RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas**. São Paulo: Imaginário: Expressão & Arte, 2010b.

RECLUS, Élisée. De l'action humaine sur la géographie physique. L'homme et la nature'. **Revue des deux Mondes**, Bruxelles: H. Lemertin, Libraire Editeur, p. 762-771, 1864.

RECLUS, Élisée. El Arroyo. Valencia: Ed. Sempere, s/d.

RECLUS, Élisée. **Histoire d'un ruisseau**. Paris: Bibliothèque d'Education et de récréation J. Hetzel, 1869a.

RECLUS, Élisée. **La terre - description des phénomènes de la vie du globe**. Paris: Hachette, Vol II, 1869b.

RECLUS, Élisée. "L'Enseignement de la Géographie", **Bulletin de la Société Belge d'Astronomie**, n° 11, 1903b [1894], pp. 5-11.

RECLUS, É. "La enseñanza de la Geografia". **Boletín de la Escuela Moderna**, Barcelona, n° 6, año II, Marzo de 1903c.

RECLUS, Élisée. Reclus, Leçon d'ouverture du cours de géographie comparée dans l'espace et dans le temps - par Élisée Reclus. **Revue des deux Mondes**, Bruxelles, 1894a.

RECLUS, Élisée. **L'homme et la Terre**. Paris, Librairie universelle, Tome I e VI, 1905.

RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra: Educação**. São Paulo: Imaginário: Expressão & Arte, 2010c.

RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra: progresso**. São Paulo: Imaginário: Expressão & Arte, 2011b.

RECLUS, Élisée. “Pourquoi sommes-nous anarchistes?” **La Société Nouvelle**. Paris, p. 153-155, 1889.

RECLUS, Élisée. “Prefácio”. KROPOTKINE, Pedro. **A Conquista do Pão**. Lisboa: Guimarães & Cia Editores, 1975 [1888].

RECLUS, Élisée. “Préface”. KROPOTKIN, Petr. **La Conquête du pain**. Deuxième édition. Paris: Éditeurs Tresse & Stock, 1892.

RECLUS, Élisée. Quelques mots d'histoire. **La Société Nouvelle**. Paris; Bruxelles. Année 10, CXIX, p. 489-494. 1894b.

RECLUS, Élisée. **Renovação de uma cidade**. Repartição dos homens. São Paulo: Imaginário: Expressão & Arte, 2010d.

ROUSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, da educação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VINCENTE MOSQUETE, Maria Teresa. Eliseo Reclus y su labor geográfica em La Universidad Nueva de Bruselas. In: BERDOULAY, Vincent y VARGAS, Héctor Mendonza. **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico em El mundo**: retos e perspectivas. México, p. 271-287, UNAM. 2003.